

Deus manifestou-se em carne?

"[...] Eis que os céus e até o céu dos céus, não te podem conter; [...]" (1Rs 8,27)

O rei Salomão, falando ao povo de Israel, disse-lhe: *"Na verdade, edifiquei uma casa para tua morada; lugar para a tua eterna habitação"* (1Rs 8,13); porém, não deixou de questionar: *"Mas, de fato, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei"* (1Rs 8,27). Em sua sabedoria, Salomão teve a lucidez de duvidar que Deus "caberia" no Templo, tamanha a magnitude com que O considerava. Por nossa vez, não resistimos e, parafraseando Salomão, também questionamos: Eis que os céus e até o céu dos céus não te podem conter, quanto menos um corpo físico edificado pelo homem.

Dois são os passos com os quais sustentam que Deus manifestou-se em carne: João 1,1-14 e 1Timóteo 3,16. Iremos analisá-los, para verificarmos se corroboram essa hipótese ou não.

Antes, é preciso abordar quatro pontos importantes que, muitas vezes, não são levados em conta na interpretação dos textos bíblicos:

1) temos a informação, conforme os próprios textos bíblicos, de que Pedro e João *"eram homens iletrados e incultos"* (At 4,13), fato que nos faz duvidar de que foi mesmo João quem teria escrito o evangelho que lhe atribuem.

2) as profecias, nas quais acreditam, dizem que Deus enviaria um Messias e não que Ele mesmo viria.

3) em nenhuma passagem do Novo Testamento há algo, literalmente, afirmando que Jesus seja o próprio Deus. É certo que querem atribuir ao passo Jo 10,30: *"Eu e o Pai somos um"*, como sendo Jesus afirmando ser Deus; entretanto, um pouco mais a frente Jesus completa dizendo *"o Pai está em mim, e eu estou no Pai"* (Jo 10,38), ou seja, sendo ele o Verbo divino, teria que se manifestar em comunhão total com Deus. Além disso também incluiu todos nós nessa relação de ser um com Deus: Jo 14,20: *"Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós."* e Jo 17,22: *"E eu lhes dei a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um"*.

Em Elizabeth Clare Prophet (1939-2009) encontramos uma interessante informação a respeito de Jo 10,30:

Orígenes não hesitou em descrever o relacionamento dos seres humanos com o Filho. Acreditava que temos a mesma essência que o Pai e o Filho: *"Nós, portanto, fomos feitos de acordo com a imagem, tendo o Filho, o original, como o exemplo das nobres qualidades que existem dentro de nós. Aquilo que somos para o Filho, é o Filho para o Pai, que é a verdade"* (25) Temos as nobres qualidades do Filho dentro de nós, podemos passar pelo processo de divinização.

[...]

Orígenes usou a afirmação de Jesus "Eu e meu Pai somos um" (27) para descrever o relacionamento entre Jesus e o Pai (28). Jesus, um ser humano, pode afirmar que é uno com o Pai, mesmo ocupando um corpo humano falível, porque sabe que existe em si uma parte eterna que está sempre unida ao Pai.

O propósito de sua vida foi nos ensinar como, a cada dia, uma parte da alma pode *tornar-se* imperecível, entrando em união com Deus. Creio que nós também podemos dizer: *"Eu e meu Pai somos um"*, reforçando esta união através das nossas ações diárias. Como disse Jesus: *"Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também"* (29).

27. João 10:30

28. Ver Orígenes, *Dialogue with Heraclides* (Diálogo com Heráclito) em John Ernest Leonard Oulton e Henry Chadwick, trad., *Alexandrian Christianity* (Cristianismo

Alexandrino) vol. 2 da The Library of Christian Classics (Biblioteca de Clássicos Cristãos) (Philadelphia: Westminster Press, 1954), pp. 439-40.
29. João 5;17.

(PROPHET, 1999, p. 194) (grifo nosso)

Isso é importante porque Orígenes de Alexandria é considerado um dos Pais da Igreja, o que nos leva a crer que as coisas, no cristianismo primitivo, eram diferentes das que hoje se advogam, em relação a esse assunto.

David Flusser (1917-2000) foi professor de cristianismo primitivo e do judaísmo do Período do Segundo Templo na Universidade Hebraica de Jerusalém; na sua obra *O judaísmo e as origens do cristianismo*, afirmou: “[...] Não obstante, pelo menos no que diz respeito aos Evangelhos Sinópticos, **é difícil encontrar qualquer dito que identifique Jesus como Deus** (ou com a Torá). [...]” (FLUSSER, 2002, p. 56) (grifo nosso).

Ademais, ao homem que lhe havia dito “Bom Mestre”, Jesus respondeu-lhe: “*Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus*”, o que seria falsear a verdade, caso ele fosse mesmo Deus. Na versão de Mateus (19,16-22) esse homem era um jovem (v. 20.22), enquanto que para Marcos (10,17-22) e Lucas (18,18-23), já era um homem maduro (Mc 10,17; Lc 18,18), que desde a juventude vinha observando os mandamentos (Mc 17,20; Lc 18,21).

4) como explicar, numa boa lógica, que Deus tenha morrido na cruz como oferta de sacrifício a Ele mesmo para redimir os nossos pecados?

Todos esses pontos deveriam ser considerados ao querer elevar Jesus à condição de ser a própria divindade.

Para o autor de *Hebreus*, a condição de Jesus era bem diferente da de João, colocando-O menor que os anjos:

Hb 2, 7-9: “**Fizeste-o um pouco menor que os anjos, de glória e de honra o coroaste, todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que não lhe fosse sujeito. Mas agora ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele; vemos, porém, aquele que foi feito um pouco menor que os anjos, Jesus, coroado de glória e honra, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos**”.

Vejamos, agora, o passo do Evangelho Segundo João:

Jo 1,1-14: “**No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.** A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele. Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz, a saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem. O Verbo estava no mundo, **o mundo foi feito por intermédio dele**, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. **E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai**”.

Certamente, que Jesus sendo o Verbo de Deus, ou seja, aquele por quem Deus envia à Sua mensagem a humanidade, ao encarnar-se como um ser humano; daí, podemos, indubitavelmente, considerá-lo como sendo o Verbo que se fez carne. Entretanto, o que não podemos fazer, por falta de lógica, é admitir que Jesus seja o próprio Deus encarnado, uma vez que, conforme já o dissemos, se Deus não cabe num templo, com muito maior razão, não caberia num corpo humano, um temporário templo do Espírito humano. Salomão, conforme mencionamos, percebeu que nem mesmo na Terra se pode admitir que Deus venha a caber, o que perfeitamente podemos entender, por se tratar de um ser infinito.

Para nós, os espíritas, Jesus, sendo Ele a manifestação da palavra divina, num sentido figurado, poderia ser chamado de Deus, inclusive, tendo recebido a missão de criar o nosso mundo, pelo qual ainda vela, explicar-se-ia a afirmativa em João de que “o mundo foi feito por intermédio dele”. Se, em relação a nós, Jesus disse “sois deuses” (Jo 10,34), com mais razão devemos entender que Jesus também o seja; só que, apesar da Sua elevação, Ele também deva ter o tratamento, em ambos os casos, ou seja, em relação a Jesus e a nós, trata-se de um deus relativo e não do ABSOLUTO.

Especificamente, quanto ao versículo 14, que diz “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós”, encontramos a seguinte explicação: “Esta expressão **entre nós** não é fiel ao original, que é **em nós** (do grego *en hemin*; e do latim *in nobis*, como está na Vulgata). (CHAVES, 2006, p. 136). (negrito nosso). Em <http://www.bibliacatolica.com.br/> confirmamos que, de fato, em grego e latim, consta da forma aqui mencionada. O interessante é que isso muda completamente o sentido da frase, pois se o Verbo está **em nós**, é a centelha divina que todos nós possuímos, o que impediria dizer que somente Jesus a teria. Assim, se o Verbo se fez carne e habitou em nós, trata-se, certamente, de nosso espírito ou alma, que é de origem divina, e, no decorrer dos milênios manifestará a palavra divina, à medida que adquirir evolução espiritual (Mt 5,48) suficiente para ter condições de viver do “lado direito” de Deus.

Sobre como se deveria entender essa fala de João, transcrevemos as considerações da escritora Elizabeth Clare Prophet, que assim disse:

Esta visão ortodoxa, que define Jesus como Deus, baseia-se, em parte, numa interpretação incorreta do Evangelho de João, onde lemos: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... Todas as coisas foram feitas por ele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez”. Adiante João nos diz que “o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (20). Os ortodoxos concluíram, por estas passagens, que Jesus Cristo é Deus, o Verbo encarnado.

O que eles não entenderam foi que, quando João chamou Jesus de “Verbo”, estava remontando à tradição grega do Logos. Quando João diz que o Verbo criou tudo, emprega o termo grego para Verbo – Logos. No pensamento grego, o Logos descreve a parte de Deus que age no mundo. Filon chamou ao Logos “Semelhança de Deus, através do qual todo o cosmos foi criado” (21). Orígenes denominava-o a alma que mantém o universo coeso.

Filon acreditava que grandes seres humanos como Moisés poderiam personificar o Logos. Por isso, quando João escreve que Jesus é o Logos, não está sugerindo que o homem Jesus *sempre* tenha sido Deus, o Logos. O que João quer dizer é que o homem Jesus *tornou-se* o Logos.

Alguns teólogos primitivos acreditavam que todos tinham esta oportunidade. Clemente revela que todos os homens têm a “imagem do Verbo [Logos]” dentro de si e é por isso que o Gênesis diz que o homem é feito “à imagem e semelhança de Deus” (22). **O Logos, portanto, é a centelha da divindade, a semente do Cristo que existe nos nossos corações. Tudo indica que os ortodoxos rejeitaram ou ignoraram esta tradição.**

Devemos compreender que Jesus tornou-se o Logos, assim como tornou-se o Cristo. Mas isto não quer dizer que apenas ele poderia fazê-lo. Jesus explicou este mistério quando partiu o pão na Última Ceia. Ao pegar o pão, que simboliza o único Logos, o único Cristo, partiu-o dizendo: “Este é o meu corpo, que é partido por vós” (23).

Jesus estava ensinando aos seus discípulos que existe um Deus absoluto e um Cristo Universal, ou Logos; que o corpo do Cristo Universal pode ser partido e que, ainda assim, cada pedaço mantém as qualidades do todo. Estava dizendo que a semente do Cristo estava dentro deles, que ele tinha vindo para acelerá-la e que o Cristo não diminuía, mesmo que o seu corpo fosse partido muitas vezes. O menor fragmento de Deus, do Logos ou do Cristo contém a plenitude da natureza divina do Cristo – que ele desejava tornar nossa.

Os ortodoxos não compreenderam o ensinamento de Jesus porque não conseguiam aceitar a realidade de que todos os seres humanos têm uma natureza divina e uma natureza humana assim como o potencial para tornar-se totalmente divinos. Não compreendiam o humano e o divino em Jesus e, portanto, não podiam compreender o humano e divino dentro de si mesmos. Por observar as fraquezas da natureza humana, acreditavam que precisariam negar

a natureza divina, que ocasionalmente se revela até mesmo nos piores seres humanos.

21. Filon, citado por David Fideler em *Jesus Christ, Sun of God: Ancient Cosmology Early Christian Symbolism* (Jesus Cristo, Sol de Deus: Cosmologia Antiga e Simbolismos dos Cristãos Primitivos (Wheaton, Ill.: Theosophical Publishing House, Quest Books, 1993), p. 42.

22. Clemente de Alexandria, *Exhortation to the Greeks 10* (Exortação aos Gregos 10), citado por Fideler em *Jesus Christ, Sun of God* (Jesus Cristo, Sol de Deus), p. 42.

23. I Co 11:24 VKJ; Mt 26:26; Mc 14:22; Lc 22:19.

(PROPHET, 1999, p. 192-193) (grifo nosso)

Vê-se, portanto, que o conceito de Logos (o Verbo) foi alterado ao longo dos tempos; hoje já não mais reflete aquilo que, nos primórdios do cristianismo, dele compreendiam.

Vejamos, agora, o que alguns outros estudiosos falam sobre o assunto.

O filósofo, educador e teólogo Huberto Rohden (1893-1981) manifestou sua opinião sobre essa questão de Jesus ser o Deus encarnado da seguinte forma:

Que é o Cristo, o Ungido, que os antigos hebreus chamavam Messias, o Enviado?

O quarto Evangelho designa o Cristo com a palavra *Logos*, começando o texto com estas palavras:

"No princípio era o Logos, e o Logos estava com Deus, e o Logos era Deus".

A palavra grega Logos é muito anterior à Era Cristã. Os filósofos antigos de Alexandria e de Atenas, sobretudo, Heráclito de Éfeso, designavam com Logos o espírito de Deus manifestado no Universo. Logos seria, pois, o Deus imanente, em oposição à Divindade transcendente, que não é objeto de nosso conhecimento.

A Vulgata Latina traduz Logos por Verbo: "No princípio era o Verbo..."

Logos, Verbo, Cristo são idênticos e designam a atuação da Divindade Creadora, a manifestação individual da Divindade universal.

Neste sentido, o Cristo é Deus, mas não é a Divindade. E neste sentido diz ele aos Homens: "Vós sois deuses"; os homens são manifestações individuais da Divindade Universal. A primeira e mais perfeita das manifestações da Divindade Universal, no Universo, é o Cristo, o Verbo, o Logos, que Paulo de Tarso chama acertadamente "o primogênito de todas as criaturas" do Universo.

O Cristo é anterior à criação do mundo material. **Ele é "o Primogênito de todas as criaturas"**. O Cristo não é criatura humana, mas a mais antiga individualidade cósmica, que, antes do princípio do mundo, emanou da Divindade Universal.

O Cristo é Deus, mas não é a Divindade, que Jesus designa com o nome Pai: "Eu e o Pai somos um, mas o Pai é maior do que eu".

Deus, na linguagem de Jesus, significa uma emanção individual da Divindade universal.

A confusão tradicional entre Deus e Divindade tem dado ensejo a intermináveis controvérsias entre os teólogos. Mas o texto do Evangelho é claro: **o Cristo afirmou ser Deus, mas nunca afirmou ser ele a própria Divindade.** (ROHDEN, 1996, p. 23-25) (grifo nosso).

Reputamos essa opinião como muito importante, por vir de um renomado teólogo e ex-padre jesuíta, a confirmação de que Jesus não é Deus.

O teor desse passo de João é idêntico ao que consta do livro Rig-Veda da Índia, no qual se lê este verso: "No princípio era Brahman, com quem estava o Verbo, e o Verbo é Brahman" (traduzindo-se a palavra "Vak" do sânscrito como "Verbo"). (LEWIS, 2008, p. 45), o que nos leva a acreditar na grande possibilidade de o texto de João tratar-se de uma aculturação.

Algo semelhante também nos dizem os autores Holger Kersten (1951-) e Elmar Gruber (1955-): "A introdução do Evangelho segundo João - 'no princípio era o Verbo [Logos]...' - pode ser considerada uma citação dos textos budistas: 'Na base [de todas as coisas] está o Dharma'". [...] (KERSTEN e GRUBER, 1996, p. 330).

Vejamos a correspondência que Kersten e Gruber fazem da passagem que narra o encontro de Jesus com uma mulher samaritana (Jo 4):

Uma história sobre o discípulo favorito do Buda, Ananda, é muito reveladora. Certa vez, quando viajava pelo interior do país, Ananda encontrou uma jovem da casta *matangi* à beira de um poço e lhe pediu um pouco de água. Temerosa, ela lhe contou que as pessoas de sua casta estavam proibidas de se aproximar de um santo homem. Ananda, porém, lhe respondeu: "Irmã, não lhe perguntei nada sobre sua casta ou sua família; apenas estou lhe pedindo que me dê um pouco de água para beber" (*Divyavadana* 217).

A casta dos chandala, a qual a jovem *matangi* pertencia, era a mais baixa na sociedade indiana. Os brâmanes a tratavam com profundo desprezo. Jamais aceitariam água de uma chandala, porque a simples sombra de um intocável já era suficiente para conspurcar ritualmente um brâmane. Embora sujeitos a um sistema social e a circunstâncias históricas totalmente diferentes, os judeus também desprezavam certos tipos de pessoas: os habitantes da Samaria, os filisteus, e o povo de Seir. [...]

No Novo Testamento há uma longa parábola cujo início é incrivelmente semelhante à história de Ananda e da jovem no poço. Narra o encontro entre Jesus e uma mulher junto à fonte de Jacó, perto de Sicar, na Samaria. Como faz parte do Evangelho segundo João (4:5-42), contém naturalmente um forte simbolismo espiritual. Jesus pede à samaritana que lhe dê de beber. Na resposta da mulher encontramos a mesma surpresa diante da coragem de um membro da classe privilegiada de se dirigir a uma pessoa que é alvo de desprezo e rejeição: "Como é que tu, um judeu, pedes de beber a mim, que sou samaritana?" A essa altura, o leitor poderia esperar uma resposta breve como a de Ananda – simples e totalmente desprovida de preconceito, como as que fazem parte dos aforismos de Jesus. No entretanto, segue-se **uma explicação típica de João, misticamente obscura**, na qual Jesus diz à mulher, que, se soubesse quem ele era, ela lhe pediria de beber, e ele lhe daria "água viva". É então que essa simples, mas dramaticamente bem-construída, de um encontro ímpar se **transforma abruptamente numa exposição teológica**. Tudo indica que **o evangelista se utilizou, na introdução, de alguma fonte estrangeira para expressar suas ideias sobre o Cristo**. Pode-se presumir que, sabendo que Jesus não aceitava preconceitos, João achou conveniente usar uma história hindu que abordava o tema de uma maneira acessível e fácil de ser memorizada. (KERSTEN e GRUBER, 1996, p. 149-151) (grifo nosso).

A relação entre Jesus e Buda é clara, mas Kersten e Gruber, apresentam mais outra:

Como Jesus, Buda despertou o ódio da classe sacerdotal dominante ao pregar a percepção religiosa como um processo de realização individual, acessível a todos que estivessem dispostos a realizar o esforço necessário:

Para aquele que deixa este mundo sem ter percebido seu verdadeiro mundo, isso é tão inútil quanto o Veda que ele não estudou ou algum trabalho que ele evitou (*Brihad-Aranyaka-Upanishad*).

Jesus disse: Aquele que sabe tudo, mas não conhece a si mesmo, não conhece nada (Tomé 67).

O "verdadeiro mundo" mencionado nessa passagem dos *Upanishads* é o mundo interior, espiritual, o verdadeiro ser (*atman*). Aquele que, através da meditação e de práticas religiosas, conseguir conhecer seu verdadeiro ser, descobrirá que, nas profundezas do seu ser, ele é idêntico a Deus. Para o autor do Evangelho segundo João, essa ideia, tão chocante e herética para os cristãos ortodoxos, era uma profunda convicção de Jesus. Numa cena ocorrida durante a festa de consagração do templo de Jerusalém, **ele mostra um Jesus que quase é apedrejado por duas "ideias hindus"**, que os judeus ortodoxos consideravam uma blasfêmia. **Jesus ousara expressar a ideia da identidade entre *atman* e *brahman* com as seguintes palavras: "Eu e o Pai somos**

um” (João 10:30). Com essa frase, **sua intenção não era absolutamente vangloriar-se de ser o Filho de Deus, mas expressar a certeza de que, seguindo o caminho correto e justo, qualquer um podia experimentar a unidade com o absoluto**. No mesmo Evangelho, Jesus também cita uma passagem dos Salmos em que todos são considerados iguais a Deus: “Eu digo: sois deuses” (João 10:34). Depois disso, teve que buscar abrigo contra as primeiras pedras. (KERSTEN e GRUBER, 1996, p. 201-202) (grifo nosso).

O historiador Iakov Abramovict Lentsman (1908-1967), em *A origem do Cristianismo*, afirmou o seguinte:

[...] O *Evangelho Segundo João* proclama, logo nas primeiras linhas: “No começo era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. Esta frase só torna compreensível se se subentende que o Verbo era filho de Deus, isto é, Jesus. Este é justamente o pensamento de João. Segundo sua opinião, Jesus não é uma criatura humana, e ele acentua por toda parte seus traços divinos. **Segundo a doutrina dos gnósticos, que muito influiu na formação da ideologia cristã, o intermediário entre os homens e Deus, e defensor deles diante de Deus é precisamente o Logos, isto é, o Verbo. Tudo leva a crer que a imagem de Jesus no quarto evangelho não foi tirada do Apocalipse**, onde o Cordeiro é sobretudo o chefe dos exércitos celestes, mas, antes, que **sofreu a influência do gnosticismo**. Além disso, o conteúdo desse escrito lembra melhor os sermões dos teólogos, do que as parábolas edificantes dos sinópticos e as visões fantásticas do *Apocalipse*. (LENTSMAN, 1963, p. 179) (grifo nosso).

É mais um autor que sustenta a ideia de que “o Verbo”, no Evangelho de João, é tomado de outra cultura, no caso, relacionando ao gnosticismo.

Geza Vermes (1924-), professor da Universidade de Oxford, considerado um dos maiores especialistas acadêmicos sobre *Manuscritos do Mar Morto* e história do cristianismo, já aponta outra influência:

O termo Logos, o Verbo, joga um papel essencial na filosofia e no misticismo gregos, com os quais João parece ter alguma familiaridade. Trata-se de um conceito central na elaboração teológica do filósofo alexandrino judeu Filo, e **na especulação mística helenística** conhecida como hermetismo atribuída ao deus Hermes Trismegisto (Hermes, o Três Vezes Grande). **Ambos são passíveis de terem influenciado o cristianismo helênico**. Tanto para Filo como para João, o *Logos* foi o instrumento de Deus ao criar o mundo, uma figura de mediação entre Deus e o gênero humano. No misticismo hermético, que busca a deificação do homem através do conhecimento, o *Logos* é chamado de “filho de Deus”. Esta locução, ecoada por “o filho unigênito que está no seio do Pai” em João, é o princípio que dá forma e ordem ao mundo. Ele também é designado na filosofia religiosa grega como Demiurgo ou “Artesão”, noção que será muito discutida no cristianismo ulterior. (VERMES, 2006a, p. 66) (grifo nosso).

Embora não tenha ficado definido qual ou quais influências sofreu o autor do Evangelho Segundo João, uma coisa parece-nos consenso: é que, de fato, houve influência; por isso esse Evangelho não representa a crença limpa e pura daqueles que viveram o cristianismo primitivo.

Vejamos, agora, o outro passo com o qual sustentam ser Jesus o Deus encarnado.

1Tm 3,16: “*Evidentemente, grande é o mistério da piedade: aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória*”.

Não se vê nada nesse passo que leve à conclusão de que Deus se manifestou na carne; entretanto, em outras traduções se observa isso. Vejamos como é o seu teor nas diversas traduções:

SBTB: "**Deus** se manifestou na carne".

Barsa: "Com que **Deus** se manifestou na carne".

SBB: "aquele que se manifestou na carne".

Mundo Cristão, Shedd e Novo Mundo: "aquele que foi manifestado na carne".

De Jerusalém, Paulinas/Loyola e Vozes: "Ele foi manifestado na carne".

Pastoral: "Ele se manifestou na carne".

Do peregrino: "Manifestou-se corporalmente".

Ave Maria: "manifestado na carne".

Santuário: "Manifestou-se na carne".

Paulinas 1957, 1977 e 1980: "Que se manifestou na carne".

Enquanto nas versões da SBTB e Barsa a personagem que se manifestou na carne foi o próprio Deus, nas restantes podemos admitir que foi Jesus.

Em nossas pesquisas descobrimos a causa dessa divergência; vejamos os dois momentos no qual Bart D. Ehrman (1955-), um dos maiores especialistas em Novo Testamento da atualidade, trata desse assunto:

Em 1715, Wettstein foi à Inglaterra (em uma turnê literária) e teve completo acesso ao Códice Alexandrino, do qual já ouvimos falar quando abordamos Bentley. Uma parte do manuscrito mereceu a atenção particular de Wettstein: era uma daquelas questões acessórias de consequências enormes: dizia respeito ao texto de uma passagem-chave do livro de I Timóteo.

A passagem em questão, I Timóteo 3, 16, fora usada durante muito tempo por defensores da teologia ortodoxa em apoio da visão segundo a qual o próprio Novo Testamento chama Jesus Deus. É que o texto, na maioria dos manuscritos, refere-se a Cristo como "Deus tornado manifesto na carne e justificado no Espírito". Como já indiquei no capítulo 3 deste livro, a maioria dos manuscritos abreviava os nomes sagrados (os chamados *nomina sacra*, e esse é o caso justamente aqui, onde o termo grego para Deus (**ΘΕΟΣ**) é abreviado com duas letras, *teta* e *sigma* (**ΘΣ**), com uma linha traçada no topo das duas para indicar que se trata de uma abreviatura. Wettstein percebeu, ao examinar o Códice Alexandrino, que a linha sobre as duas letras fora feita em uma tinta diferente da que fora usada para as palavras circundantes, de onde se depreende que provinha de uma mão tardia (isto é, traçado por um copista posterior). Além disso, o traço horizontal do meio da primeira letra, **Θ**, não fazia realmente parte da letra, mas era uma linha que vazara desde o outro lado do velho velino. Em outros termos, em vez de se tratar de uma abreviatura (*teta-sigma*) de "Deus" (**ΘΣ**), a palavra era realmente formada por um ômicron e um sigma (**ΟΣ**), uma palavra completamente diferente, que significa simplesmente "quem". A redação original do manuscrito não falava, pois, de Cristo como "Deus manifestado na carne", **mas de Cristo, "que foi manifestado na carne"**. De acordo com o testemunho antigo do Códice Alexandrino, Cristo deixa de ser explicitamente chamado de Deus nessa passagem. (ERMAN, 2006, p. 123) (grifo nosso).

Na verdade, já vimos uma variação textual relacionada a essa controvérsia cristológica em nossa discussão, no capítulo 4, das pesquisas textuais de J.J. Wettstein. Wettstein examinou o Códice Alexandrino, atualmente na Biblioteca Britânica, e determinou que em **1 Timóteo 3,16, onde a maioria dos manuscritos fala de Cristo como "Deus tornado manifesto na carne", esse manuscrito primitivo fala originalmente de Cristo "que foi tornado manifesto na carne"**. A mudança, em grego, é muito sutil – é apenas a diferença entre as letras *teta* e *ômicron* (**ΘΣ** e **ΟΣ**), que são muito semelhantes. Um copista tardio alterou a variante original, de modo que se deixou de ler "que" e passou a ler "Deus" (tornado manifesto na carne). Em outros termos, esse revisor tardio mudou o texto de modo a enfatizar a divindade de Cristo. É chocante perceber que a mesma correção ocorreu em quatro dos nossos outros manuscritos primitivos de 1 Timóteo. **Todos eles encontraram revisores que mudaram o texto do mesmo modo, de modo que agora ele chama Jesus**

explicitamente de "Deus". Esse se tornou o texto da vasta maioria dos manuscritos bizantinos (isto é, medievais) posteriores – e por isso se tornou o texto da maioria das traduções antigas da Bíblia. (EHRMAN, 2006, p. 167).

Veja, caro leitor, o que causa uma pequena mudança em um texto. Quantas não poderíamos encontrar na Bíblia como um todo? O fato é que, diante do exposto, não se pode tomar esse passo para justificar que Jesus seja Deus, mesmo que na Bíblia consultada tenha isso, porquanto, trata-se de manifesto erro de tradução, conforme demonstrado.

Então, na verdade, e sem qualquer apelação, bíblicamente, não temos onde nos apoiar para manter essa crença viva; entretanto, sabemos que muitos não irão dar a mínima pelo que aqui estamos apresentando com esse estudo; são os fanáticos que nunca abrem mão das ideias que possuem para abraçar outras. A esses não nos dirigimos, mas aos que possuem mente aberta, para aceitar novos conhecimentos, mesmo que tenham de reformular seus conceitos.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
ago/2012

Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
 Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia Eletrônica versão 1.0 – Rk Soft Desenvolvimentos.
 Bíblia Eletrônica versão 3.0.7 – Rk Soft Desenvolvimentos.
 Bíblia Mensagem de Deus - Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1984.
 Bíblia Sagrada – SBTB. s/ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.
 Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
 Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
 Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave Maria, 1989.
 Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
 Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.
 Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
 Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
 Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
 Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
 Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
 CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado: versículo a versículo: vol. 5*. São Paulo: Hagnos, 2005e.
 CHAVES, J. R. *A Face oculta das religiões*. Santo André - SP: EBM, 2006.
 EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.
 FLUSSER, D. *O judaísmo e as origens do cristianismo*. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 2002
 KENYON, J. D (org) *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta das heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
 KERSTEN, H. e GRUBER, E. R. *O Buda Jesus – as fontes budistas do cristianismo*, São Paulo: Best Seller, 1996 (?).
 LENTSMAN, J. *A origem do cristianismo*. São Paulo: Fulgor, 1963.
 LEWIS, D. A leste de Qumran. In: KENYON, J. D (org) *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta das heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 37-52.
 PROPHET, E. C. *Reencarnação: o elo perdido do cristianismo*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.
 ROHDEN, H. *Que vos parece do Cristo?* São Paulo: Martin Claret, 4ª ed. 1996(?).
 VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006a.